

# OS MILAGRES NO EVANGELHO DE JOÃO E A TEOLOGIA DE RUDOLF BULTMANN

**The Miracles in the Gospel of John and the Theology of Rudolf Bultmann**

*Adenilton Tavares de Aguiar<sup>1</sup>*

## RESUMO

Este artigo analisa brevemente a proposta hermenêutica de Rudolf Bultmann em relação aos milagres narrados no Evangelho de João, tendo como background seu empreendimento de demitização das narrativas bíblicas. Para Bultmann, as histórias de milagres apresentadas no quarto evangelho não significam mais do que arranjos editoriais do autor, como um esforço para apresentar um Jesus que nunca existiu, e são, via de regra, fruto da compilação da assim chamada fonte  $\sigma\eta\mu\epsilon\iota\alpha$ .

**PALAVRA-CHAVE:** MILAGRES DE JESUS; EVANGELHO DE JOÃO; FÉ CRISTÃ; TEOLOGIA DE BULTMANN

## ABSTRACT

This paper briefly examines the hermeneutic proposal of Rudolf Bultmann in relation to the miracles recounted in the Gospel of John, with the background of his demythologization venture of biblical narratives. For Bultmann, the miracle stories presented in the fourth gospel does not mean more than editorial arrangements of the author, as an effort to present a Jesus who never existed, and are, as a general rule, the result of the compilation of the so called source  $\sigma\eta\mu\epsilon\iota\alpha$ .

**KEYWORDS:** MIRACLES OF JESUS; JOHN'S GOSPEL; CHRISTIAN FAITH; THEOLOGY OF BULTMANN

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP; Mestrando e Bacharel em Teologia pelo SALT/IAENE e Licenciado em Letras/Português pela Universidade Estadual da Paraíba. Membro do Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações (UNICAP); Editor da Revista Hermenêutica; Professor de Grego e Novo Testamento no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, sede regional IAENE (Instituto Adventista de Ensino do Nordeste).

## INTRODUÇÃO

O Cristianismo é certamente uma religião de milagres. Elementos sobrenaturais e absolutamente desafiadores ao pensamento moderno estão no próprio âmago de suas definições. Nenhuma outra religião alega que Deus tornou-se homem para que pudesse morrer em favor da humanidade; o fato de o Cristianismo reivindicar que Jesus é Deus encarnado é, por si só, razão suficiente para que céticos considerem o seu pensamento como supersticioso ou pré-científico. No entanto, as alegações são mais contundentes: Jesus não apenas é Deus encarnado, mas foi concebido de maneira sobrenatural. Mais que isto, ele realizou milagres durante sua vida na terra, morreu, mas ressuscitou ao terceiro dia, e foi recebido no céu.

Nenhuma figura, em qualquer outra religião do mundo, é tão enigmática quanto o Jesus dos Evangelhos. De fato, como disse Walter Wink, ele é tão diferente de tudo que conhecemos que se “nunca tivesse vivido, não poderíamos tê-lo inventado”<sup>2</sup>. Os evangelhos afirmam que ele não apenas apresentou belos discursos, mas também ressuscitou mortos, fez com que aleijados andassem, cegos recuperassem a visão, etc. Mais que isto, os evangelhos reivindicam a historicidade e autenticidade dos eventos ali narrados. Conforme bem mencionou Craig (2012, p. 237), “alguns teólogos têm ficado tão embaraçados com isso que muitos deles, seguindo Rudolf Bultmann, procuraram demitizar a Bíblia, para remover os impedimentos ao homem moderno”, a exemplo da proposta de John Hick, segundo a qual as doutrinas centrais do cristianismo não passam de meras metáforas (CRAIG, 2010, p. 169).

## OS MILAGRES NO EVANGELHO DE JOÃO

Water (2000) destaca que os milagres narrados por João foram cuidadosamente selecionados. Para esse autor, tais

<sup>2</sup> Citado por YANCEY, Philip. *O Jesus que eu nunca conheci*. São Paulo: Vida, 2004, p. 23.

milagres são um indício da intenção de João de mostrar que Jesus é o filho de Deus encarnado: 1) a transformação da água em vinho (2:1-11); 2) a cura do filho do oficial do rei (4:46-54); 3) a cura do paraplético de Betesda (5:1-18); 4) a multiplicação dos pães (6:1-15); 5) o caminhar sobre as águas (6:16-21); 6) a cura do cego de nascença (9:1-41); e 7) a ressurreição de Lázaro (11:1-57). À exceção da multiplicação dos pães e o caminhar sobre as águas, os demais milagres foram contados exclusivamente por João.

O fato de os milagres mencionados no quarto evangelho aparecerem em número de sete (cf. UTLEY, 1999, Vol. 04, p. 24)<sup>3</sup>, parece ser uma evidência do desejo de João de mostrar o caráter perfeito da obra de Jesus (cf. PAULIEN, 2004). Para Bruce (2010, p. 90), a repetição frequente da expressão “sinais e maravilhas” indica que ele queria “ensinar que os milagres não são relatados simplesmente em razão da capacidade de deixar os ouvintes e leitores maravilhados, mas também em razão do profundo sentido de que se revestem”. Em todo caso, a narrativa taumatúrgica joanina chama a atenção não apenas de teólogos conservadores, mas também de liberais. Viehauer (2012, p. 447), por exemplo, destacou que os milagres nesse evangelho são apresentados em formato exponenciado. Ele acrescenta que “em João, Jesus aparece ensinando e curando, mas sem as características sinóticas do rabi, do mestre da Sabedoria, do profeta e exorcista. O que une as duas apresentações é a caracterização de Jesus como poderoso taumaturgo”. A filiação bultmanniana, porém, desse erudito, não lhe permitiu avançar para além das fe ronteiras do racionalismo (HASEL, 2012, p. 254), vendo, nessa característica do quarto evangelho, apenas a perspectiva do autor.

Conforme comenta Dederen (2011, p. 219), Rudolf Bultman (1884-1976), adotou um ponto de vista radical, ao afirmar que “os apóstolos não descrevem a história factual, mas que acrescentam elementos mitológicos à história original de Jesus”. Desse modo, ele reinterpreta todas as narrativas de milagres, usurpando-lhes o status de evento histórico, rebaixando-as, por conseguinte, ao nível de metáforas existenciais, e o cristianismo, para usar as palavras de Craig (2012, p. 237), “a pouco mais do que a filosofia existencialista de Martin Heidegger”. Opondo-se

<sup>3</sup> Walter (2000) defende o relato de oito milagres. Para ele, a pesca maravilhosa no capítulo 21 é o último e oitavo milagre narrado por João.

a tudo que não seja científico, Bultmann (2008, p. 29-30) afirma que “a visão bíblica do mundo é mitológica e, portanto, inaceitável para o homem moderno, cujo pensamento tem sido modelado pela ciência e já não tem mais nada de mitológico”.

## BULTMANN E OS MILAGRES DE JESUS NO QUARTO EVANGELHO

A maneira como Bultmann interpreta a narrativa dos milagres deve ser analisada a partir da visão que ele tem a respeito da própria perspectiva de Jesus sobre os milagres. Em sua obra *Jesus*, ele comenta que “a fé de Jesus em milagres não implica que Jesus tivesse estado convicto de existir poderes e leis sobrenaturais especiais” (BULTMANN, 2005, p. 176). Para ele, quase não se pode apreender qualquer informação histórica a respeito de Cristo, tendo em vista que as narrativas sobre sua vida não ultrapassam o limite de algo lendário e fragmentário. No livro *Jesus and the Word* (apud LOPES, 2007, p. 208), encontramos a contundente afirmação: “eu realmente penso que não podemos saber quase nada sobre a vida e a personalidade de Jesus, já que as fontes cristãs primitivas não mostram qualquer interesse em ambos, são fragmentárias e frequentemente lendárias”. Desse modo, ele nega qualquer historicidade conferida aos milagres. Para ele, a maior parte dos “relatos de milagres contidos nos evangelhos é lendária ou, no mínimo, recebe formato lendário” (BULTMANN, 2005, p. 174). Ele insiste que “os milagres de Jesus são ambíguos. [...] Eles são figuras, símbolos” (BULTMANN, 2008, p. 475-476).

Lopes (2007, p. 208), ao fazer uma breve análise do empreendimento exegético existencialista de Bultmann, comenta que, para ele, “os relatos dos milagres, a possessão demoníaca, o conceito do nascimento virginal, da encarnação e da ressurreição dos mortos, por exemplo, são mitológicos”. Desse modo, buscando fazer uma teologia que, por assim dizer, seja “cientificamente testável”, Bultmann nega as crenças que são a própria base da fé cristã. Lopes (op. cit., p. 210) acrescenta que, nessa teologia bultmanniana, o “Evangelho deve ser ‘traduzido’

.....

numa linguagem que o homem moderno – que não crê em milagres – possa entender”. Uma vez que a lenda ou o mito são a forma de expressão daquela época, a contemporaneidade demanda outra linguagem.

Resta verificar como Bultmann lida com os milagres do quarto Evangelho especificamente. À semelhança de outros comentaristas mencionados acima, ele identifica sete relatos de milagres no Evangelho de João. A maneira como ele interpreta cada um deles será vista sucintamente a seguir.

### **O MILAGRE DA EPIFANIA: A TRANSFORMAÇÃO DA ÁGUA EM VINHO (2:1-12)**

Bultmann (1971, p. 113) inicia seu comentário sobre o milagre na festa de casamento em Caná da Galileia, afirmando que “não pode haver dúvida de que o evangelista toma novamente uma história da tradição como base para sua narrativa”. Ele acrescenta que João a teria tomado “de uma fonte que contém uma coleção de milagres, a qual ele usa para as histórias de milagres seguintes”. Esta fonte é chamada de *σημεῖα*. Vielhauer (2012) comenta que a atual discussão a respeito de fontes que João teria usado na composição de seu evangelho está determinada pela proposta de Bultmann quanto à existência de três fontes: 1) uma coleção de histórias de milagres (fonte *σημεῖα*); 2) uma coleção de discursos de revelação; 3) uma coleção com histórias da paixão e da páscoa.

Destarte, para Bultmann, João teria atuado como uma espécie de compilador, reunindo material e editando-o para que atendessem os propósitos que ele estabeleceu para o seu evangelho. O fato é que esta proposta tem sido amplamente criticada. Dunn (2009, p. 438), por exemplo, comenta que a asserção de Bultmann de que, para formular os discursos de Jesus, João teria usado a assim chamada fonte de discursos de revelação “obteve pouca influência. Pouquíssimos aceitaram a hipótese de uma fonte de discursos – os discursos no Quarto Evangelho são todos tão caracteristicamente joaninos que a demonstração de tal fonte não é possível”.

Para Bultmann, a narrativa não possui qualquer historicidade intrínseca. Os elementos da história são retirados de narrativas anteriores. Em relação ao clímax do relato, a transformação da água em vinho, Bultmann (1971, p. 118) declara: “está de acordo com o estilo das histórias de milagres que o próprio processo miraculoso não seja descrito”. Desse modo, a história contada por João é vista apenas como algo que preenche um molde previamente estabelecido. Ele acrescenta que “não pode haver dúvida de que a história tenha sido tomada de uma lenda pagã e atribuída a Jesus”. Ademais, para ele, a história é simplesmente “o símbolo de algo que ocorre ao longo de todo o ministério de Jesus, ou seja, a revelação da glória de Jesus”, que é a revelação do nome do Pai, uma epifania que aponta para a representação simbólica da fé que os discípulos desenvolveram em Jesus. Assim, a linguagem figurada do evangelista não focaliza Jesus como sujeito de determinada dádiva, mas algo que ele mesmo recebeu i.e., a crença de que ele é o Revelador do caráter do Pai.

### A CURA DO FILHO DO OFICIAL DO REI (4:46-54)

Bultmann entende que esse milagre também foi extraído da assim chamada coleção da fonte *σημεία*, e, portanto, as observações feitas à narrativa do milagre no casamento são pertinentes a esta narrativa. Alguns elementos que “destoam” da “fonte original” são vistos como uma adição editorial a fim de enfatizar a ideia de milagre à distância. A narrativa é apresentada como algo controlado para satisfazer determinados propósitos e não como a descrição de um evento histórico, conforme se percebe na fala: “a razão por que o pai não confirma simplesmente a cura em seu retorno para casa, mas tem de receber a notícia da cura ainda pelo caminho, e a partir de um dos seus servos, é porque eles não podem saber a razão para a cura e estão, assim, além de qualquer suspeita como testemunhas” (BULTMANN, 1971).

## A CURA DO PARALÍTICO DE BETESDA (5:1-18)

Bultmann (1971, p. 240) comenta que o verso um “é uma adição editorial feita pelo evangelista a fim de conectar a história à passagem anterior”, denotando mais uma vez sua compreensão de que o autor se utilizou da fonte-σημεῖα. A injunção de Cristo ao homem curado: “não peques mais, para que não te suceda coisa pior” (verso 14) é comentada por Bultmann (op. cit., p. 243) nos seguintes termos: “a fala reflete a ideia judaica de retribuição, de acordo com a qual a doença deve ser atribuída ao pecado. Isto é mais surpreendente nos lábios do Jesus joanino, uma vez que faz os homens aceitarem o princípio que ele rejeitou em 9:2”. Assim, na visão de Bultmann, o texto carece de uma coerência interna, e foi usado para descrever conceitos da época. Ele busca, portanto, demonstrar que, no cerne dessa narrativa, está a intenção de defender a noção de que assim como Deus – após ter concluído a criação – está constantemente trabalhando como o Juiz do mundo, “a constância atribuída à atividade divina é também atribuível à atividade de Jesus, precisamente porque o trabalho do Revelador é o trabalho de Juiz”, daí a razão por que João teria incluído em sua narrativa a disputa dos judeus relacionada ao fato de a cura ter ocorrido no sábado. Bultmann (op. cit., p. 246) conclui: “Portanto, podemos ver por que o Evangelista tomou a história da cura em 5:1-9 como o ponto de partida para o discurso de Jesus: como uma história da quebra do Sábado ela se torna um retrato simbólico da constância do trabalho do Revelador”.

39

## A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES E O ANDAR SOBRE AS ÁGUAS (6:1-26)

Para Bultmann, mais uma vez estamos diante de um relato extraído da suposta fonte σημεῖα. Merece destaque a maneira como ele trata dos dois relatos de milagres na mesma seção. Ele explica que “o fato de que não ocorre a nenhum dos discípulos que Jesus pudesse realizar um milagre mostra que a história foi originalmente contada como uma unidade completa em si” (op. cit., 212).

Em relação ao relato do milagre da multiplicação dos pães, Bultmann afirma que o verso catorze foi acrescentado pelo evangelista, com o objetivo de apresentar o ponto de vista das pessoas em relação a Jesus, e os versos 22 a 26 foram modificados a fim de atrair o foco para o milagre do caminhar sobre as águas. Por várias vezes, durante seus comentários a esta narrativa, ele aponta para seu caráter simbólico. O que está simbolizado pelo milagre é apresentado por Bultmann nas seguintes palavras:

O Evangelista [...] usa o milagre da multiplicação [...] como um *quadro simbólico* para a ideia principal do discurso da revelação, ou seja, que Jesus dá o pão da vida. Se o milagre do caminhar sobre as águas tinha um *significado simbólico*<sup>4</sup> para o Evangelista, além de servir para ligar as duas cenas, então este pode apenas ser complementar à ideia principal, uma vez que a discussão não faz referência ao andar sobre as águas.

## A CURA DO CEGO DE NASCENÇA (9:1-41)

40

Na estrutura do evangelho de João, proposta por Bultmann, uma nova seção é iniciada no capítulo nove. Ele chama a atenção para o fato de que, à semelhança do que ocorreu no capítulo cinco, uma história de cura abre essa nova seção. Para Bultmann, a história da cura do cego de nascença também oriunda da fonte  $\sigma\mu\epsilon\iota\alpha$ , e teria sido embelezada por adições de João bem como pelo trabalho de seus editores, lançando o foco para a discussão que ocorre entre Jesus e os discípulos após a realização do milagre, sendo este um elemento ausente nas narrativas sinóticas.

Bultmann coloca este milagre ao lado da doença de Lázaro e do milagre realizado na festa de casamento em Caná da Galileia, i.e., para a manifestação de sua glória. Todos esses milagres seriam símbolos das verdadeiras obras, ou da “verdadeira obra”, as quais Jesus realiza em nome do Pai. Portanto, esta história “deve ser vista desde o início à luz deste simbolismo: aquele que dá a luz do dia ao cego é ‘a luz do mundo’” (BULTMANN, 1971, p. 331). Bultmann exacerba suas considerações, ao defender que a interpretação do nome do tanque, Siloé, no verso sete (enviado), que teria sido acrescentada por um editor ou pelo próprio Evangelista, conduz a simbologia da narrativa ao nível

<sup>4</sup> Grifos acrescentados



da alegoria: “assim como o cego recebe a luz do dia através da água de Siloé, assim a fé recebe a luz da revelação de Jesus, o ‘emissário’” (op. cit., p. 333).

## A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO (11:1-57)

Para Bultmann, este milagre também oriunda da fonte-σημεία, e o Evangelista o teria escolhido deliberadamente e o posicionou no início do relato da paixão a fim de apresentar a Jesus como a ressurreição e a vida. No entanto, ele teria feito adições ao relato, de modo a torná-lo útil a seus propósitos. Bultmann alega que a narrativa, conforme a vemos na Bíblia, é o resultado de arranjos joaninos, a exemplo do momento em que Jesus chora, o que é visto como um elemento que pretende provocar a afirmação dos judeus, no verso 36. (op. cit., p. 394, 395, 407).

O propósito principal do Evangelista ao editar o relato seria demonstrar que Jesus não precisa fazer pedidos ao Pai, tendo em vista sua relação direta com ele; ao contrário do que se espera, portanto, ele apenas agradece pelo fato de que o Pai sempre o ouve. Desse modo, Bultmann (op. cit., p. 408) conclui que “a oração de Jesus [...] é a demonstração do que ele constantemente dizia a respeito de si mesmo”. Em outras palavras, o milagre é contado apenas para mostrar que Jesus é o autêntico enviado do Pai, que realiza a obra que lhe foi confiada.

Bultmann acrescenta que o Evangelista coloca o relato da ressurreição de Lázaro dentro de um contexto maior, i.e., a decisão tomada pelo sinédrio de que Jesus deveria morrer. O desejo pela morte de Jesus é apresentado como receio de que, pela constante realização de sinais, Jesus atraísse para si de uma vez por todas a atenção de todo o povo. A ressurreição de Lázaro é o estopim que desencadeia essa crise entre os sacerdotes e fariseus. A sequência da narrativa apresenta uma trágica ironia, a qual consiste em que o sumo sacerdote profetizou que Jesus estava para morrer pela nação (verso 51), o que Jesus já havia declarado diversas vezes no livro. Enfim, para Bultmann, os milagres do Evangelho de João não significam mais do que arranjos editoriais do autor, como um esforço para apresentar um Jesus que “nunca existiu”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu livro *Jesus Cristo e a Mitologia*, Bultmann (2008, p. 13) afirma que “toda a concepção do mundo que pressupõe tanto a pregação de Jesus como a do Novo Testamento, é, em linhas gerais, mitológica”. Ele continua sua fala com a apresentação de três exemplos: “a concepção do mundo como estruturado em três planos: céu, terra e inferno; o conceito da intervenção de poderes sobrenaturais no curso dos acontecimentos; e a concepção dos milagres”, com destaque especial para “a ideia da intervenção de poderes sobrenaturais na vida interior da alma, a ideia de que os homens podem ser tentados e corrompidos pelo demônio e possuídos por maus espíritos” (op. cit., p. 12-13).

Ao analisar a obra de Bultmann, Lopes (2007, p. 211) conclui que:

Do ponto de vista dos estudos reformados do Novo Testamento há pouca coisa que possa ser considerada positiva em Bultmann [...]. Ele não crê na Trindade, na encarnação, na inspiração da Bíblia, no sacrifício vicário de Cristo, na sua ressurreição e na segunda vinda. Pelos credos mais antigos da Igreja e pelas confissões históricas, sua obra nem cristã poderia ser considerada.

42

De fato, em nome de seu empreendimento hermenêutico de demitização, Bultmann chegou a criticar Paulo “por citar as testemunhas da ressurreição de Jesus”. Para ele, Paulo teria se equivocado ao utilizar histórias de “aparições” para reforçar a crença na ressurreição, adotando como fato histórico o que na verdade deveria ter sido apresentado como apenas uma metáfora da experiência dos discípulos (WRIGHT, 2008, p. 397, 398, 405)

A esta altura, é importante ressaltar a oportuna advertência de Hasel (2012, p. 277) de que a literatura e o escopo de programa de Bultmann de demitização do NT são ao mesmo tempo complexos e volumosos, de modo que, nestas breves palavras, pretendeu-se, apenas, dar uma visão geral do assunto.

## REFERÊNCIAS

BRUCE, F. F. **Merece confiança o Novo Testamento?** 3 ed. Rev. São Paulo: Vida Nova, 2010.

BULTMANN, Rudolf. **Jesus**. Tradução Nélio Schneider. São Paulo: Editora Teológica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Jesus Cristo e mitologia**. 4 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **The Gospel of John: A Commentary**. Philadelphia: The Westminster Press, 1971.

\_\_\_\_\_. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2008.

CRAIG, William Lane. **Apologética contemporânea: a veracidade da fé cristã**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.

\_\_\_\_\_. **Apologética para questões difíceis da vida**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

DEDEREN, Raoul. Cristo: pessoa e obra. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

DUNN, James D. G. **Unidade e diversidade no Novo Testamento: um estudo das características dos primórdios do Cristianismo**. Santo André: Academia Cristã, 2009.

HASEL, Gerhard. **Teologia do Antigo e Novo Testamento: questões básicas no debate atual**. Santo André: 2012.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

PAULIEN, Jon. **The Deep Things of God.** Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2004.

YANCEY, Philip. **O Jesus que eu nunca conheci.** São Paulo: Vida, 2004.

VIELHAUER, Philipp. **História da Literatura Cristã Primitiva:** introdução ao Novo Testamento. Santo André, 2012.

UTLEY, R. J. **The Beloved Disciple's Memoirs and Letters:** The Gospel of John, I, II, and III John. In: Study Guide Commentary Series. Marshal: Bible Lessons International, 1999.

WATER, M. **The Gospel of John Made Easy.** Alresford, Hampshire: John Hunt Publishers Ltd., 2000.

WRIGHT, N. T. **La resurrección del Hijo de Dios:** los orígenes cristianos y la cuestión de Dios. Estella, Navarra: Editorial Verbo Divino, 2008.

Enviado 12/05/14  
aceito 12/06/14